

PERIFERIA: sentidos sob a lente de moradores(as)

PERIPHERY: meanings through the eyes of residents

PERIFERIA: significados a través de la lente de los residentes

Laura Helena Silva – UFTM - ORCID¹ 0009-0007-4635-1446
Cristiane Paulin Simon – UFTM - ORCID² 0000-0001-7318-8305

Resumo: O conceito de periferia transformou-se, ao longo dos anos, de uma concepção pejorativa decorrente das relações entre países da periferia do capitalismo e economias centrais, para outra que evidencia sua produção social e cultural. Nesta pesquisa, foram analisados os sentidos de moradores(as) do bairro Estrela da Vitória, em Uberaba-MG, sobre viver na periferia, a partir da metodologia *photovoice*. Participaram uma mulher e dois homens, com idades entre 23 e 56 anos. A análise transcorreu em quatro categorias: (re)vivendo o Estrela, conquistando a Vitória; ações comunitárias: mobilização, protagonismo e apoio externo; transformações e recomeços e; Estrela da Vitória: sinônimo de esperança. Os sentidos produzidos perpassam narrativas da história do movimento de luta por direitos sociais, que se mantém presentes frente à permanente ausência do Estado no território. Desta forma, moradores(as) assumem a responsabilidade pelas melhorias do bairro, no âmbito individual e coletivo, enfraquecendo narrativas de sofrimento.

Palavras-chave: Periferia; *Photovoice*; Fotografia; Pesquisa-ação participativa.

Abstract: The concept of low-income area has transformed over the years, shifting away from a pejorative view rooted in the relationships between peripheral capitalist nations and core economies, to another that highlights its social and cultural production. This study analyzed the meanings attributed by residents of the Estrela da Vitória neighborhood, in Uberaba, Minas Gerais, Brazil, about living in the periphery, through the photovoice methodology. The participants included one woman and two men aged between 23 and 56 years old. Data analysis was structured around four categories: (re)living Estrela, achieving Vitória; community actions: mobilization, leadership, and external support; transformations and new beginnings; and Estrela da Vitória: a synonym for hope. The meanings produced wave through narratives of the history of the movement for social rights, which remain present in the face of the state's permanent absence in the territory. Thus, residents assume responsibility for improving the neighborhood, both individually and collectively, weakening narratives of suffering.

Keywords: Periphery; Photovoice; Photography; Participatory action research.

Resumen: El concepto de periferia se ha transformado a lo largo de los años, pasando de una concepción peyorativa derivada de las relaciones entre los países de la periferia del capitalismo y las economías centrales a otra que destaca su producción social y cultural. En esta investigación se analizaron los sentidos de los habitantes del barrio Estrela da Vitória, en Uberaba-MG, Brasil, sobre vivir en la periferia, a partir de la metodología *Photovoice*. Participaron una mujer y dos hombres, con edades entre 23 y 56 años. El análisis se desarrolló en cuatro categorías: (Re)viviendo Estrela, conquistando la Vitória; Acciones comunitarias: movilización, protagonismo y apoyo externo; Transformaciones y nuevos comienzos; y Estrela da Vitória: sinónimo de esperanza. Los sentidos producidos atraviesan narrativas de la historia del movimiento de lucha por los derechos sociales, que permanece presente ante la permanente ausencia del Estado en el territorio. De este modo, los habitantes asumen la responsabilidad de las mejoras del barrio, tanto en el ámbito individual como colectivo, debilitando las narrativas de sufrimiento.

Palabras clave: Periferia; Photovoice; Fotografía; Investigación-Acción Participativa.

INTRODUÇÃO

O conceito periferia desenvolveu-se dentro de debates econômicos internacionais entre 1950 e 1960 para tratar da relação de territórios da periferia do capitalismo com as economias centrais, sendo usado de modo pejorativo para se referir a territórios que tinham em comum características como pobreza, precariedade e distância em relação ao centro. Estas características aparecem como consequência da falta de moradia planejada para as camadas mais populares, que ficam à margem da sociedade e reféns da especulação imobiliária nas cidades, levando a população cada vez mais a se alocar em espaços desprovidos de infraestrutura e distantes do centro e locais de trabalho (D’Andrea, 2020; Kureke, Bernardinis & Pavelski, 2019).

Com o passar do tempo, a produção cultural nesses territórios começa a se apropriar do termo em um processo social de ampliação do significado de “periferias” para além de sua definição geográfica, com o objetivo de construir suas identidades a partir da explicitação das violências cometidas contra essas populações, a exemplo a repressão policial, a miséria e o racismo (D’Andrea, 2020). Nesse sentido, a academia também começa a transformar sua perspectiva sobre e com as periferias, ao reconhecê-las para além de suas dimensões geográficas e socioeconômicas, entendendo que a criação de novas formas de viver e conviver provenientes de classes marginalizadas nos ensina sobre essa realidade de sujeitos que sofrem com o capitalismo, mas que resistem através

da cultura e mobilização popular (Alencar, 2021; D'Andrea, 2020; Diógenes, 2020; Freitas e Marques, 2023; Kopper e Richmond, 2020).

Desse modo, é possível compreender que as periferias desenvolvem diferentes estratégias para sobreviver aos ataques do capitalismo burguês, que giram em torno da elaboração coletiva de uma consciência periférica. Nesse contexto, os(as) sujeitos(as) mobilizam-se a partir de suas próprias vivências de forma a criticar e escancorar a desigualdade social, propondo uma equidade radical que objetiva transformar a realidade, não apenas geograficamente, mas também política, social, subjetiva e culturalmente.

D'Andrea (2020) apresenta em seu estudo o processo histórico da mudança de concepção sobre as periferias, iniciado no Brasil por volta dos anos 1990, quando o movimento hip hop passou a publicizar esse termo, reivindicando a palavra periferia e modificando seus significados através das expressões culturais locais. O grupo de rap Racionais MC's foi o primeiro a se apropriar e divulgar amplamente esse movimento, colocando suas próprias narrativas nas letras de suas músicas de forma a aumentar a autoestima de populações periféricas e escancorar seu cotidiano vivido há anos em relação às desproteções sociais (Franco Filho, 2017). Dessa forma, são colocadas em evidência a violência e a pobreza, mas com solidariedade e vistas às potências desses territórios, pontuando a relevância de debates sobre as formas de subjetivação produzidas no capitalismo e as metodologias de resistência desenvolvidas pelo campo popular (Alencar, 2021; D'Andrea, 2020; Diógenes, 2020; Freitas e Marques, 2023; Kopper e Richmond, 2020).

No campo da educação, Freitas e Marques (2023) pontuam que a escola não é o único lugar que detém ou fornece o conhecimento e que as práticas não formais de educação possibilitam uma pedagogia de invenção da realidade cotidiana nas periferias, utilizando instrumentos pedagógicos de resistência como: a democracia direta, liberdade criativa, autogestão, corresponsabilidade, valorização de lugares geográficos e de fala, além da defesa da humanidade plena. O estudo ensaístico parte da junção de experiência de pesquisadores do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (LABOME) da Universidade Estadual Vale do Acaraú, com o Movimento Social FOME, de jovens moradores de um bairro periférico em Sobral, no norte do Ceará. Estes pesquisadores

analisam práticas de educação não-formal promovidas por esse movimento, como biblioteca comunitária, cinema, batalha de rima, jornal comunitário, núcleo feminista, entre outras, a partir da pedagogia freiriana, compreendendo as relações sociais como capazes de desenvolver processos educacionais baseados no próprio contexto sociocultural.

No campo da arte e cultura, Alencar (2021) analisa a produção de uma gramática cultural de resistência a partir de práticas linguísticas de coletivos culturais da periferia de Fortaleza, Ceará, participantes do programa de extensão comunitária e educação popular chamado Viva a Palavra, que confronta violências por meio da valorização e do fortalecimento das práticas culturais autogestionadas das juventudes periféricas. Neste programa, círculos de cultura foram desenvolvidos enquanto práticas de linguagem que buscam enfrentar a realidade dura, em um processo de ação-reflexão-ação, permitindo a reelaboração de significados coletivamente. A autora, baseada também na pedagogia freiriana, aponta para as possibilidades terapêuticas dos círculos realizados a partir do uso social da linguagem.

Diógenes (2020) segue perspectiva semelhante em mais de duas décadas de experiências de investigação antropológica realizadas no âmbito das práticas e das culturas juvenis, também em Fortaleza: “Tratam-se de sujeitos que aprenderam, na ‘escola da vida’, a se virar, a se desdobrar, a enfrentar ‘corres’ de naturezas diversas e dar conta de múltiplas destrezas e, assim, a empreender diversificadas tarefas” (Diógenes, 2020, p. 376). O autor evidencia a construção dessa linguagem, que se estabelece na periferia e para as periferias, como reivindicação do protagonismo de uma história que se reflete no empoderamento e resgate de sua vivência.

Periferia não é um espaço hegemônico, sendo preferível o termo periferias para se referir a esse grupo em geral. Isso porque cada periferia possui sua história, constrói os próprios significados e valores sobre o uso das cidades, lidando com opressões e repressões vividas por meio de processos coletivos de resistência, a partir de uma espontânea criatividade popular, contribuindo para a construção de subjetividades (Cunha e Vieira, 2023). Assim sendo, contextualizamos a periferia em que este trabalho foi realizado.

Estrela da Vitória: uma história de luta

O Bairro Estrela da Vitória, situado no município de Uberaba, Minas Gerais, tem sua história iniciada em 2000 com uma ocupação promovida pelo movimento de luta por moradia em um espaço na cidade que estava sendo destinado a um aterro de lixo hospitalar, em uma área aproximada de 80 mil metros quadrados rodeada por dois bairros. A ocupação se configurou como uma forma de protesto contra a urbanização, voltada para interesses da burguesia e sem a participação popular. Foram 375 famílias de diversas regiões do Brasil que estavam pela cidade sem ter onde morar que se juntaram para limpar o espaço, construir barracos e, assim, organizar-se comunitariamente em favor da conquista daquele território (Ferro, 2021).

Depois de um longo período de lutas, debates, resistência e construções coletivas, em 2023 os 375 lotes foram oficialmente regulamentados no bairro Estrela da Vitória através do pagamento individual dos lotes. Entretanto, contradições atravessadas pela temporalidade, pela história da ocupação e seus desdobramentos, continuaram a determiná-lo e interpretá-lo, tanto pelos sujeitos residentes, como pessoas de outras localidades, como periferia, quebrada ou comunidade. A transformação da ocupação ocorreu com o apoio do Curso de Arquitetura de uma universidade privada da cidade, contribuindo para uma estruturação básica de casas de alvenaria, ruas (em sua maioria, asfaltadas), comércios variados, tratamento de água e esgoto e iluminação pública. Mesmo assim, ainda permanece condições de precariedade em algumas áreas que carecem de todos estes recursos, provocando a população a se organizar localmente e utilizar estratégias individuais para enfrentar as ausências de responsabilidade do Estado. O estigma de morar nesta periferia se apresenta também no cotidiano experienciado na relação com outros bairros, principalmente em comparação aos centrais quando, por exemplo, preencher o nome do bairro em que se vive, pode afetar uma oportunidade de emprego.

Diante deste cenário e considerando as singularidades, propomos uma análise das narrativas dos(as) sujeitos(as) do bairro Estrela da Vitória, a partir da linguagem

fotográfica, a fim de compreender os sentidos de viver em uma periferia a partir de suas próprias perspectivas.

ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Investigação fotográfica: o método *photovoice*

Utilizamos a metodologia *photovoice*, adaptada ao contexto desta pesquisa, como recurso narrativo dos(as) sujeitos(as) periféricos do bairro Estrela da Vitória, a respeito dos sentidos de morar no bairro, suas relações com a vizinhança e com a cidade. O método de pesquisa-ação participativa foi desenvolvido por Caroline Wang e colaboradores em 1994 (Wang e Burris, 1994; Wang, Burris e Xiang, 1996).

Trata-se de uma estratégia distinta da pesquisa tradicional em que participantes são considerados meros(as) informantes, pois os(as) participantes se posicionam nesta metodologia enquanto fotógrafos(as) e pesquisadores(as), através de uma técnica de investigação fotográfica (Wang e Burris, 1997), utilizando a criatividade como recurso de investigação, além de promover a participação comunitária (Touso et al., 2017; Wang e Burris, 1997).

O método iniciou-se com mulheres chinesas e populações com pouco acesso aos mecanismos de poder (Wang, 1999; Wang e Burris, 1994, 1997). No Brasil, o *photovoice* já foi utilizado para discutir diversas questões, como saúde do(a) trabalhador(a) (Touso et al., 2017); estratégia de educação em saúde (Barakat e Caprara, 2021); trabalho com jovens (Bomfim, Biondo e Maia, 2024); e mulheres quilombolas (Pereira & Magalhães, 2023).

Ele é fundamentado em três princípios nos quais nos baseamos para execução da pesquisa: a fotografia documental, utilizada como um meio de retratação de realidades através da expressão criativa visual; a teoria feminista, que pauta a luta de classes e o potencial transformador dos coletivos sociais em luta e; a educação popular para a consciência crítica, do educador e filósofo Paulo Freire (Souza, 2017).

Para esta pesquisa, fizemos uma adaptação relativa à etapa de exposição das fotos

para autoridades, visto que os(as) participantes definiram que estas autoridades não seriam provenientes do poder público, mas sim de outros(as) moradores(as) do bairro e pessoas que participaram ativamente da luta por moradia.

O projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética da UFTM (CEP) e aprovado conforme Resolução CNS 510/16 e Norma Operacional 001/2013, com parecer n. 6.782.763/ CAAE: 78131124.0.0000.5154, emitido em 19 de abril de 2024. A coleta de dados ocorreu no período de abril a agosto de 2024.

Diga X: desenvolvendo a técnica

Cada participante definiu um pseudônimo próprio para ser identificado na pesquisa e os(as) convidados(as) foram identificados(as) com letras, garantindo-lhes o anonimato. Eles(as) foram orientados(as) que, caso optassem por um registro fotográfico com pessoas, antes de fazê-lo deveriam, obrigatoriamente, requerer a autorização verbal e escrita através da assinatura do termo de cessão de direito de uso da imagem. Assim, o *photovoice* se desenvolveu a partir das etapas sugeridas por Wang e Burris (1997):

(1) Recrutamento. O convite para participação foi realizado pela pesquisadora para 20 pessoas, seguindo os seguintes critérios de seleção: frequentadores(as) do Centro de Desenvolvimento Sustentável Estrela da Vitória (CDSEV); ser jovens, adultos e idosos que moraram no bairro por, no mínimo, 2 anos; pessoas que participaram do processo de ocupação e continuam morando no bairro; possuir celular com câmera fotográfica. Essas pessoas também puderam convidar mais participantes que atendiam aos mesmos critérios, conforme foram se apropriando da atividade. Todos foram informados da participação voluntária e que a desistência em qualquer momento do processo não acarretaria em nenhum prejuízo, sendo-lhes assegurado confidencialidade e privacidade. A concordância com os termos de participação foi documentada mediante assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLEs) pelos(as) participantes da pesquisa ou responsáveis, em caso de adolescentes.

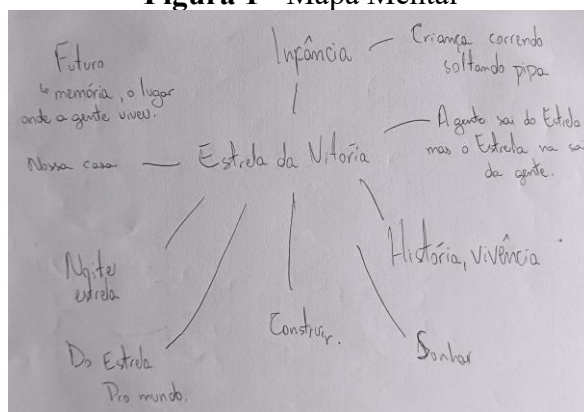
(2) Apresentação da pesquisa. No primeiro encontro, apresentamos o projeto para as seis pessoas que compareceram, as quais se apresentaram e falaram um pouco

sobre a motivação em participar da pesquisa. Realizamos uma breve discussão sobre a relação de cada um com a fotografia.

(3) Noções básicas de fotografia, definição do tema e compromissos éticos.

Nesta etapa, o objetivo foi exercitar as técnicas de fotografia e discutir sobre os compromissos éticos enquanto fotógrafos(as), realizado com base em uma adaptação do manual de fotografia elaborado por Touse (2007). Para definir o tema das fotos, construímos em conjunto um mapa mental (Figura 1) a partir das seguintes perguntas disparadoras: “O que vocês pensam quando eu falo Estrela da Vitória?; Por que vocês pensaram nessas palavras?; Que imagem se formou na cabeça de vocês?”:

Figura 1 - Mapa Mental



Fonte: Acervo de fotografias da pesquisa (2024).

Ao final do encontro foram explicados e entregues os termos de cessão de direito de uso da imagem. Realizamos visitas domiciliares às pessoas que não puderam participar do encontro para explicar o procedimento e entregar estes termos.

(1) **Fotografando a periferia.** Foram concedidas três semanas para cada participante produzir dez (10) fotos e enviar os registros via grupo de *Whatsapp* para as pesquisadoras. As fotos encaminhadas foram reveladas para discussão no próximo encontro.

(2) **Encontro para discussão das fotos.** As fotos reveladas foram apresentadas ao grupo por cada participante, assim como suas histórias. Ao final do encontro, os(as) participantes foram convidados(as) a escolherem quatro fotografias e a escreverem suas respectivas legendas para a apresentação na exposição fotográfica para a comunidade.

(3) **Planejamento do evento.** Na semana seguinte, em um encontro, foram discutidas as expectativas para a exposição, seu formato, a lista de convidados(as) de cada participante e as estratégias de divulgação para a comunidade.

(4) **Evento.** A exposição foi realizada na sede do CDSEV com o objetivo dos(as) participantes apresentarem à comunidade seus sentidos de periferia a partir da representação fotográfica.

(5) **Avaliação do evento e apresentação dos resultados da pesquisa.** Após um mês da exposição, houve um encontro com os(as) participantes para avaliação da atividade (exposição fotográfica) e dos resultados da pesquisa por meio da apresentação e discussão das categorias temáticas.

Procedimentos para registro e análise dos dados

A partir da autorização dos(as) participantes, os encontros foram gravados por meio de um *smartphone* colocado em posição central na roda. Além disso, foi utilizado um diário de campo para registro das reflexões, interações não-verbais, impressões pessoais e conversas fortuitas durante o processo de coleta de dados, que contribuíram para a análise dos dados da pesquisa (Tittoni & Tietboehl, 2019).

Utilizamos a análise temática, a fim de sistematizar os sentidos construídos coletivamente e identificar padrões de significados nas falas dos(das) participantes, que contribuíram para a definição e construção das categorias, definidas através dos seguintes passos sugeridos por Souza (2019): a) familiarização com os dados decorrentes do processo de transcrição e releitura do material; b) definição de códigos iniciais a partir de aspectos destacados nos dados; c) procura de temas iniciais a partir da reunião dos códigos; d) revisão dos temas de acordo com extratos do banco de dados e o desenvolvimento grupal; e) detalhamento de cada tema e histórias de que tratam, relacionando com o objetivo geral da pesquisa; f) escrita do processo com elementos da análise, extratos de falas e registros fotográficos, a partir do diálogo e da literatura científica da área da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participantes

Participaram da pesquisa três moradores(as) do bairro, sendo Mary, uma mulher de 56 anos, líder comunitária que participou do movimento de luta pela ocupação e direito à moradia desde o início: casada, assistente social e trabalhadora como auxiliar administrativa; Cláudio, um homem de 32 anos: casado, morador no bairro há 20 anos, atua como autônomo na venda de calçados; Darling, um jovem de 23 anos: solteiro, residente no bairro desde que nasceu com seu pai e seu irmão mais novo, trabalhador em uma fábrica de pré-moldados e artista de *rap* da quebrada. Cada um(a) registrou de sete a dez fotos e escolheu quatro delas para a exposição fotográfica.

Iniciamos o processo da pesquisa com seis participantes e concluímos com três. As justificativas para a impossibilidade de continuarem variaram entre: problemas de saúde, incompatibilidade de horário devido ao trabalho, demandas familiares e intercorrências do cotidiano.

A baixa adesão de adultos à pesquisa reflete um cenário presente em outras atividades propostas no bairro, atividades estas já vivenciadas na comunidade pelas pesquisadoras em outros contextos de trabalho. Entretanto, durante os encontros, foi recorrente a participação de outras pessoas além dos(as) participantes, que se juntavam ao grupo porque conheciam algum(a) integrante e ficavam curiosos(as) com o que acontecia no CDSEV ou porque haviam sido convidados(as) pelos(as) moradores(as) devido à importância no processo de mobilização e construção do bairro.

As categorias temáticas foram construídas a partir da compreensão de que os sentidos são produzidos por meio das interações sociais, caracterizadas por processos dialógicos contínuos, mutáveis e suscetíveis a constantes transformações advindas dos contextos sócio-históricos e culturais (Spink, 2010). Cada narrativa, ao mesmo tempo que se apresentava inicialmente singular, também era circunscrita pelo contexto histórico e social em que se apresenta e se constitui.

Durante o processo de pesquisa, novos sentidos se constituíam pelas ressignificações das próprias relações dos participantes que, ao relatar sobre os registros fotográficos, se complementavam, questionavam, completavam, ratificavam, disputavam sentidos ou ampliavam em um movimento de circularidade, sendo os sentidos da periferia negociados entre eles(as) o tempo todo.

Neste cenário, pergunta-se: o que é periferia? D'Andrea (2020), conceitua a periferia como uma classe cujos sujeitos(as) possuem um posicionamento político-territorial, produzem arte e cultura política e se organizam em coletivos para a sistematização da própria história. Eles(as) não precisam de mediadores(as) que “guiem” seus processos de criação da própria identidade, pois são eles(as) que conhecem o cotidiano, vivenciam e o transformam de acordo as necessidades (individuais ou coletivas). Neste trabalho, partimos desta compreensão reconhecendo os(as) participantes da pesquisa não como objetos de estudo, mas como sujeitos(as) do conhecimento, que narraram suas histórias, relações com o território, recordações, sentimentos, e, assim, em primeira pessoa, contam da vida na periferia.

Desta forma, a partir da análise de todo material, construímos quatro categorias, as quais foram apresentadas aos(as) participantes no encontro final de avaliação, a fim de validá-las. Duas delas foram alteradas a partir das sugestões dos participantes, finalizando com as seguintes: a) (re)vivendo o Estrela, conquistando a Vitória; b) ações comunitárias - mobilização, protagonismo e apoio externo; c) transformações e recomeços; e d) Estrela da Vitória: sinônimo de esperança.

(Re)vivendo o Estrela, conquistando a Vitória

Esta categoria temática compreende relatos sobre o processo de mobilização, luta e construção do bairro. É importante destacar que estes relatos estiveram presentes em todas as etapas da pesquisa de campo, portanto, não se tratam apenas de um único momento ou de fotos específicas, mas sim de um tema recorrente durante o processo.

Como este bairro é fruto de uma mobilização popular pelo acesso à moradia, sua história tem implicações sociais importantes no que diz respeito à identidade desta

população, uma vez que o Estado aparece apenas para regulamentar, ainda que o processo de garantia do direito à moradia tenha sido feito pelas pessoas. Assim, presente, passado e futuro se mesclaram durante as discussões de forma que os(as) participantes pudessem resgatar memórias de suas trajetórias de luta, colocando-as na concretude do grupo por meio dos diálogos e das fotografias. Conversar sobre os sentidos de morar nessa periferia envolveu, obrigatoriamente, resgatar a história de resistência vivenciada por esta comunidade partindo do movimento de luta pela moradia, representado pela fotografia de Mary (Imagem 1):

Imagem 1 - Foi aqui que nossos sonhos começaram a se tornar realidade, Cozinha Comunitária Dom Mauro Morelli



Fonte: Fotografia de Mary. Acervo da pesquisa (2024).

Mary: Olha porque essa foto, foi lindo, e assim... nos mostra assim, uma transformação naquele espaço, né?

Darling: Verdade.

Mary: Porque era uma cozinha sem vida, né? Sem nada, né? E quando a gente vê isso aqui, a gente percebe que retrata alguma coisa pra comunidade, né? Muito, muito interessante.

Darling: Parece que essa é a central dos sonhos da comunidade. Mary: É! Uma vida assim, né, muito interessante!

Pesquisadora 1: Sim, e é onde vocês construíram tudo, né? Mary: Tudo. Começou tudo aqui, né?

A Imagem 1 é da fachada externa do atual CDSEV. Mary, ao apresentar a foto, provocou nos(as) participantes a lembrança desse espaço que aparece como representação e memória de uma mobilização coletiva em benefício de objetivos em comum, que, neste caso, era assegurar seu direito à moradia.

Contudo, a frase “*parece que essa é a central dos sonhos da comunidade*”, dita por Darling, participante mais jovem da pesquisa, não só reforça a visão de Mary, mas, por estar em tempo presente, nos mostra que este espaço continua sendo transformador no sentido de possibilitar que se sonhe nessa periferia. Espaços comunitários, quando colocados em diálogo, podem fomentar processos espontâneos de reflexões acerca de si, e as significações e usos deles podem indicar tanto mecanismos estruturais de opressão, quanto processos coletivos de resistência permeados pela espontaneidade criadora (Cunha e Vieira, 2023).

Nesse sentido, os(as) participantes trabalharam no reconhecimento desse espaço como produtor e realizador dos sonhos nesta periferia. O que anteriormente era um local de encontros para a alimentação coletiva e organização do movimento, hoje é a sede do CDSEV, utilizado para fomentar atividades culturais como: rodas de capoeira, oficinas e eventos culturais organizados em parceria com estagiários(as) do curso de Psicologia e ligas acadêmicas da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, assim como movimentos sociais do campo popular.

A necessidade de organização popular pelo acesso à moradia vem da omissão do Estado em garantir esse direito básico às camadas socialmente desprotegidas, forçando-as a usar da coragem e criatividade, assumindo autonomia na construção de novos espaços da cidade que comportem famílias desprovidas de recursos financeiros. A autoprodução da moradia popular é considerada um processo complexo que envolve “decisão e adesão familiar em torno de um projeto comum, favorável ao fortalecimento do trabalho autônomo de grupos sociais despossuídos” (Burnett, Souza & Moniz Filho, 2022, p. 4), o que confere a essa população uma identidade de resistência e coletividade específica de quem precisa da mobilização popular para concretizar seu sonho da casa própria.

Algo essencial para a permanência dessas pessoas no território durante o processo de ocupação foram os laços comunitários diante da precariedade em que algumas famílias se encontravam. Pessoas que, mesmo com pouco, sabiam que juntas seriam capazes de realizar seu sonho e, desta forma, se fortaleceram, contribuindo com a vizinhança conforme podiam.

Imagem 2 - Uma certeza que nosso café da manhã estaria ali, pendurado naquela cerca



Fonte: Fotografia de Mary. Acervo da pesquisa (2024).

Na Imagem 2, Mary explica que, durante o processo de ocupação dos terrenos, muitas vezes ela e sua família acordavam sem saber o que iam comer, mas uma pessoa da vizinhança que trabalhava vendendo lanches sempre deixava em frente à sua casa um saco de pães pendurado em uma cerca, garantindo-lhes o café da manhã, contribuindo para o sentimento de pertencimento à comunidade.

As relações comunitárias são importantes indicativos sobre o desejo de ficar ou fugir da periferia, e, no caso do bairro Estrela da Vitória, o esforço coletivo de luta pelo direito de moradia vivido desde o início da formação do bairro parece contribuir para uma proximidade dos(as) moradores(as) (Fontes, 2022).

Portanto, o sentido de pertencer a esta periferia, desde sua ocupação, passa pelo resgate da história, uma vez que reviver a trajetória histórica do bairro é uma forma de manter a luta presente e o reconhecimento das pessoas que estavam lá desde o início, para que crianças e jovens valorizem o espaço e as possibilidades de moradia que têm hoje.

Ações comunitárias: mobilização, protagonismo e apoio externo

Esta categoria contemplou as manifestações dos(as) participantes sobre atividades realizadas no bairro, as quais dizem respeito ao protagonismo da população (interna e externa) na construção e transformação de sua realidade, definindo o destino desta comunidade não apenas pela luta institucional, mas também pelas ações diretas no

território.

São descritas as ações que se tornaram necessárias a partir do momento em que conquistaram a moradia. Questiona-se o que é necessário para viver neste local e quais são suas necessidades e demandas. O direito à moradia não diz respeito apenas a ter uma casa, mas também acessar outros serviços que implicam a possibilidade de exercer a cidadania, como infraestrutura e acesso aos equipamentos públicos, alimentação, trabalho, lazer e cultura (Spink et al., 2020).

Assim, reconhecer-se enquanto agentes transformadores caracteriza a identidade desta comunidade como responsável pelas mudanças e melhorias na qualidade de vida, de modo que as pessoas buscam se reinventar na realidade vivida ali com criatividade e resistência, como representado no diálogo a seguir, assim como na Imagem 3.

Darling: *lá na minha rua, no poste de casa praticamente, lá a gente já jogou um tantão de... brinquedo assim no poste, colocou na rua... até piscina nós já colocou na rua.*

Pesquisadora 1: *Na rua? Pra brincar?*

Darling: *Na rua! É, tipo assim, na porta de casa nós montou piscina, colocou lá. E... Sobre essa foto aí, eu acho que no bairro sempre tem... alguma coisa assim que não é um brinquedo, mas pode ser usado como um brinquedo. Tipo: bola murcha, garrafa, pipa rasgada, é... papel jogado no chão. Então muita coisa aqui serve para brincar.(...)*

AM.: *faz uma reciclagem pra se tornar uma brincadeira. Darling: Verdade.*

Imagem 3 - Fotografia de Darling¹



Fonte: Acervo da pesquisa (2024).

¹ Algumas fotografias não possuem descrição pois não foram escolhidas para a exposição.

As lutas, reivindicações e a ação direta no território constituem o modo como essas pessoas se apropriaram do seu espaço e do destino de suas vidas, sendo sujeitos marginalizados pela sociedade capitalista e com pouca efetividade do Estado na garantia de seus direitos. É preciso dispor de criatividade para suprir a ausência do Estado e garantir o direito à cidade por meio da vivência democrática nos espaços públicos, com ação direta dos(as) moradores(as) (Cunha & Vieira, 2023; Diógenes, 2020). Assim, ao transformarem os espaços públicos da comunidade para usufruto coletivo, principalmente para as crianças, assumem um papel de mediadores culturais que visam fortalecer os valores de uso da rua, promovendo cultura e diversão e contrariando a ética do privado que reproduz as segregações vividas nas cidades (Tittoni e Tietboehl, 2019).

Mesmo que hoje em dia o conceito de comunidade esteja em constante problematização, as formas de vida no capitalismo promoveram uma segregação um tanto que contagiosa, com transformações econômicas, tecnológicas e culturais que redesenharam as relações sociais, no bairro Estrela da Vitória. Moradores(as) ainda se identificam com este termo por entenderem que a força política só é possível em coletivo, pois foi desta forma que conquistaram o território.

Entretanto, a comunidade popular não deve ser entendida a partir de uma homogeneidade em que todos são iguais, carecem dos mesmos acessos e se organizam da mesma forma, mas considerada como território propício para manifestação de arte e política, lugar onde constantemente surgem forças micropolíticas que se revelam enquanto potências de resistência e reinvenção da realidade (Alencar, 2021; Diógenes, 2020; Freitas e Marques, 2023; Rocha, 2012). Cada pessoa que reside ali veio de um lugar e carrega em si uma história singular, contudo, é possível observar que alguns(mas) moradores(as) que vivenciaram a mobilização comunitária, reconheçam seu compromisso social em contribuir com a melhoria da vida daqueles(as) que ainda estão desprotegidos socialmente.

Imagem 4 - Fotografia de Darling



Fonte: Fotografia de Darling. Acervo da pesquisa (2024).

Esta condição é retratada na fotografia registrada por Darling (Imagem 4), cujo relato expõe que a foto do tempo chuvoso do lado de fora da janela o fez refletir sobre as outras pessoas que poderiam estar passando por dificuldades devido à chuva, em casas precárias ou sem energia, diferente do conforto que ele tinha no momento. Um exemplo que mostra que, para ele, a identificação com o bairro e o sentimento de pertencimento passa pelo vínculo construído entre a vizinhança e a vontade de vê-los ter uma vida digna e justa.

Além das ações de moradores(as), foram socializados momentos em que grupos e agentes externos tiveram participações cruciais no bairro, auxiliando no desenvolvimento dessa comunidade ao oferecer assistência. Cláudio relata que viver na periferia é também reconhecer sua condição e se permitir receber a colaboração de outras pessoas e movimentos que oferecem contribuições importantes para os que estão em desproteção social, retratando esta condição em suas fotos em que há registros das crianças e jovens recebendo marmitta na rua.

Imagem 5 - Já ajudou alguém ou já parou pra admirar coisas? Tipo: crianças soltando pipa, coisas simples, fazer crianças felizes



Imagem 6 - Ajudando o próximo: Uma simples marmita muda o dia de alguém.



Fonte: Fotografias de Cláudio. Acervo da pesquisa (2024).

Pesquisadora 1: *Por que você pensou em tirar essas fotos?*

Cláudio: *Uai, porque eu pensei que é a realidade, não é? Talvez o menino estava sem almoçar na casa, é... sem almoço, que talvez o pai está trabalhando ou uma coisa assim, passou ali e não perdeu a oportunidade.*

Pesquisadora 1: *uhun...*

Cláudio: *falou 'Deixa vim, (risos) se tá aí, deixa vim'. Darling: Ele já foi na diversão, já o alimento ali, pagou o dia.*

Cláudio: *Já! Tá soltando uma pipa, brincando e alimentando.*

A ação assistencialista registrada nessas fotos, além de apresentar na perspectiva do morador um apoio, nos provoca a refletir que o acesso à moradia não significa necessariamente acessar todos os outros direitos sociais como, neste caso, o de acesso à alimentação. Outras políticas sociais precisam ser desenvolvidas, já que o Estado brasileiro ainda carece de encontrar mecanismos efetivos que garantam o acesso aos direitos sociais básicos (educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, além da assistência aos desamparados), definidos na Constituição de 1988 (Franco Filho, 2017).

Ao nos colocarmos em contato com essas concepções, foi possível entender que as experiências cotidianas desta comunidade contradizem noções cristalizadas a respeito do viver periférico, como significações pejorativas que estereotipam as vivências dessas

populações, tirando delas uma postura ativa em relação ao reconhecimento de sua realidade (Brum, BENmergui e Gonçalves, 2020). Aqui, os(as) próprios(as) sujeitos(as) discutiram sobre as ações promovidas no território e a receptividade a agentes externos que colaboram na melhoria e no bem estar das pessoas da comunidade. Uma vez que o Estado se ausenta das responsabilidades sociais neste território, as dinâmicas participativas dessa comunidade promovem a criação de uma política cultural de interatividade dos agentes que, em conjunto, constroem novos processos de participação social em defesa do desenvolvimento do bairro, numa tentativa de reparar os problemas de desproteção social (Poli, Magkou & Pélissier, 2023).

Tal postura aponta para um protagonismo assumido pelos(as) sujeitos(as) para enfrentar os desafios e buscar alternativas a um futuro dado como certo, conforme discutiremos a seguir.

Transformações e recomeços

Esta categoria, identificada inicialmente como “Aprendizado Popular: bom e ruim é o Estrela” pela pesquisadora, a partir de uma fala de Darling, foi renomeada pelos(as) participantes durante o último encontro, pois diz respeito ao processo de transformação vivido pelas pessoas que residem neste território. Advindos de um cotidiano em que a violência está presente de várias maneiras, eles buscam retratar as formas de recomeçar suas trajetórias para melhorar a qualidade de vida, enfraquecendo discursos estigmatizados e excludentes e tomando para si a responsabilidade de transformar o território para além das dificuldades e da ausência do Estado.

Darling escolheu duas fotos para a exposição que exemplificam sua frase “*ruim e bom é o Estrela*” (Imagem 7, Imagem 8). Ele relata que as crianças na periferia permanecem longos períodos do dia na rua e experienciam situações inapropriadas para sua idade. Para ele, a rua ensina muito, embora haja dúvidas se isso é bom ou ruim, pois conviver neste lugar pode ajudá-lo a se tornar forte o suficiente para resistir e rejeitar a criminalidade, mas, por outro lado, pode também envolvê-lo. Sua abordagem nos mostra

que olhar para sua comunidade traz às pessoas essa visão crítica, com respeito à sua realidade e também com responsabilidade na sua transformação, de modo que reconhecer na comunidade a dor, o ódio, a tristeza, a violência e o crime também possibilitam vislumbrar mudanças. Nesse sentido, situações ruins que ocorreram no bairro foram lembradas, como quando uma mulher colocou fogo na própria casa porque outras pessoas utilizavam o lugar para consumo e venda de drogas.

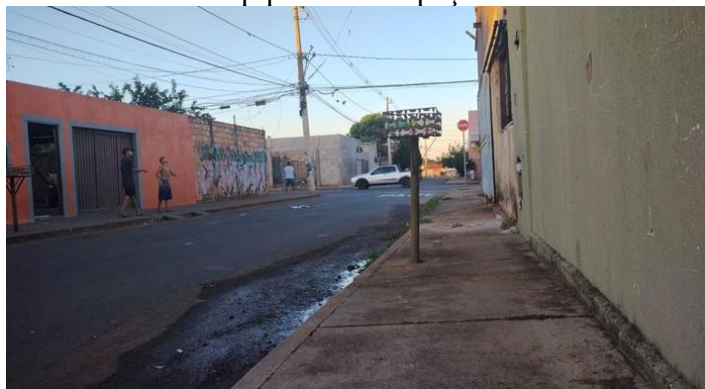
Imagem 7 - Ódio, revolta, tristeza e lugares com vestígio de bala



Fonte: Fotografia de Darling. Acervo da pesquisa (2024).

Mary também traz em sua exposição um momento de muito sofrimento na comunidade, quando uma criança morreu ao manusear uma arma.

Imagem 8 - Recordação de uma criança que não teve a oportunidade de soltar pipas neste espaço



Fonte: Fotografia de Mary. Acervo da pesquisa (2024).

É necessário reconhecer as violências para a construção de uma consciência periférica, sendo que “somente o olhar para o cotidiano nos permite perceber como a violência pode ser reescrita, ressignificada, a partir de determinadas formas de vida” (Alencar, 2021, p. 5). Assim, é possível ressignificar o viver na comunidade a partir da prática, sendo sempre possível recomeçar na medida em que as dores vividas na periferia sejam colocadas como ponto de partida para novas perspectivas, tratando a realidade com resiliência e inventividade (Cunha e Vieira, 2023). Entretanto, o recomeço é narrado como uma trajetória individual, em que o apoio é restrito a rede mais próxima de pessoas significativas, o que nos mostra uma perspectiva individualizada sobre desafios que são produzidos no contexto das desigualdades sociais e não são acatados pelo governo local como necessidade de desenvolvimento de políticas públicas.

Nesse sentido temos o relato de Cláudio, que mora há anos no bairro e sabe o quanto aquelas ruas o ensinaram a viver, levando-o a escolhas equivocadas até reconhecer a necessidade de mudança. Ele e Darling discutem que, quando se é da periferia, você tem que ser dez vezes melhor, por ter que lidar com a desigualdade de oportunidades dando seu máximo: estudar, trabalhar, vencer a pobreza e o preconceito sem desistir dos seus sonhos. Isso só é possível na medida em que eles ressignifiquem suas experiências para além da ausência de seus direitos, em uma linguagem que se estabelece na periferia e para as periferias, contrariando os caminhos normativos do sistema, que insiste em classificá-los enquanto marginais ou, no mínimo, vítimas (Diógenes, 2020). Cláudio relembra o apoio que recebeu da comunidade e familiares para desistir da adição às drogas e relata, com muito orgulho, que hoje ele oferece ajuda aos(as) demais moradores(as) que vislumbrem outras perspectivas de vida, assim como ele um dia conseguiu.

A cidade educa, e não é apenas na escola que os sujeitos aprendem sobre a vida. Às vezes, mais do que a educação formal, as relações sociais são educativas, pois fazem parte de um processo de conhecimento elaborado coletivamente, num movimento de reciprocidade constante. A interação aberta e dialógica entre essas pessoas coloca em exercício uma mediação entre diferentes saberes, experiências e lugares de fala, o que

direciona os aprendizados do grupo para conhecimentos reais do “viver em comunidade”, como aprender a escutar com responsabilidade e o compromisso com a importância daquela pessoa no seu próprio saber, de forma que essas pessoas ensinem umas às outras, em atos grupais de conhecimentos (Freire e Nogueira, 2002; Freitas & Marques, 2023).

Dessa forma, o aprendizado popular, metodologia pela qual o conhecimento coletivo foi construído durante esta pesquisa, colocou pessoas com diferentes visões disponíveis à construção coletiva de uma nova perspectiva sobre sua realidade. Mesmo que os conflitos existam, que o poder público não esteja contribuindo para o desenvolvimento do bairro e que os(as) moradores(as) mais recentes no bairro não participem tanto das mobilizações hoje em dia, os(as) sujeitos(as) participantes da pesquisa continuam valorizando o saber e a construção coletiva como essenciais à vida nesse território, a fim de manter a esperança, mesmo diante de todas contradições.

Estrela da Vitória: sinônimo de esperança

Nesta categoria, estão reunidas fotos e relatos sobre o legado de esperança que a história do bairro Estrela da Vitória provoca nos(as) participantes. Antes de propor mudanças e se colocar como agentes na transformação do território, eles(as) tiveram que acreditar que era possível construir algo melhor. Dessa forma, o espaço, que antes era destinado a um aterro de lixo, foi transformado em um bairro receptivo para as pessoas (re)construírem suas vidas e vislumbrarem um futuro melhor.

Darling expressa este sentimento ao dizer repetidamente nos primeiros encontros da atividade: “*A gente sai do Estrela, mas o Estrela não sai da gente*”, que provocou uma discussão entre os participantes:

Mary: *eu falo pras meninas de casa que se um dia a gente mudar daqui, a nossa casa nunca vai sair daqui, porque a gente vai voltar sempre porque o nosso lugar é aqui, entendeu? Mesmo se surgiu outro lugar que você pode estar, mas você quer ficar.(...)*

Mary: *a imagem que passa na minha cabeça é de quando eu cheguei aqui, de tudo que eu construí até agora, sabe? E que eu sonho também pra todo mundo construir as mesmas coisas que eu ou melhor também, né?...*

Darling: *E eu acho também que esse lugar aqui faz muita gente sonhar.*

A identificação com o lugar, as relações e o modo de vida são demonstrados por meio do reconhecimento de que a vivência nesta comunidade acompanhará essas pessoas, não importa para onde vão. Ademais, os(as) participantes continuam acreditando nas potencialidades desta periferia ao promover espaços de trocas comunitárias. Estes espaços se transformam em experiências pessoais significativas que “criam” comunidades, no sentido de pertencimento e identidade, por meio de manifestações culturais e políticas que permitem vislumbrar ainda mais oportunidades em seu próprio território. (Fontes, 2022).

Contrariando estigmas e superando preconceitos, sonhar sempre fez parte da identidade dessa comunidade e cada conquista é motivo para comemorar o triunfo da luta por dignidade. Hoje, o bairro conta com uma nova construção, a qual é vista pelos(as) moradores(as) como algo bom que trará emprego e visibilidade para o local.

Imagem 9 - Um Pequeno passo para o homem, um grande passo para a periferia



Fonte: Fotografia de Darling. Acervo da pesquisa (2024).

Mary: *esse espaço aqui hoje (...) traz uma esperança de mudança muito grande pro nosso bairro né?*

Pesquisadora 1: *Esperança?*

Mary: *É, e mudança também, transformação.*

Darling: *Logo aqui um trem, parece que tá crescendo né?*

Mary: *Porque é um espaço também que tinha muito lixo, depois virou um depósito de carros, carro velhos...*

Darling: *Polícia batia aqui... (...)*

Mary: *pois é, agora a gente passa por essa construção, essa estrutura tão grande, né? E antigamente as pessoas tinham até medo de passar por aqui (...) eu imagino que melhora mais a imagem do bairro.*

Darling: *É, e não mais precisar se deslocar, dependendo o que for ali, as pessoas aqui do bairro não vai precisar se deslocar pra tão longe, né?(...)*

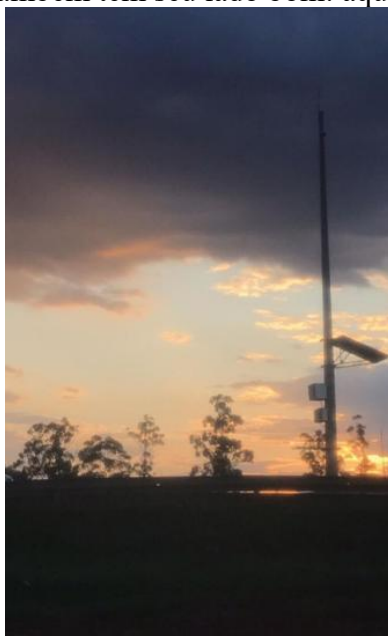
Mary: *E a esperança é que tenha emprego também pras pessoas do bairro, né?*

Darling: *Pois é.”*

Receber uma construção comercial no território é motivo de esperança pois, por muito tempo, esses(as) sujeitos(as) tiveram que buscar eles próprios pela construção da infraestrutura do espaço, acesso a serviços e geração de renda. Atualmente, pessoas e empresas têm investido neste lugar, acreditando que ali é um espaço de desenvolvimento.

Durante os encontros foram relatadas vivências, problemas do cotidiano, situações de repressão das subjetividades periféricas que foram e são superados diariamente. Tudo isso por meio da existência de uma esperança de que este espaço comporte sonhos e pessoas com potencial transformador, apesar da ausência do Estado e das adversidades impostas pelas desigualdades sociais. Nesse sentido, esses(as) sujeitos(as) periféricos(as), ao não contarem com o Estado na luta pelo acesso aos seus direitos, contam apenas com a própria luta cotidiana graças ao encantamento com o pôr do sol, com a criatividade para inventar brincadeiras com o que se tem no espaço, o sentimento de pertencimento.

Imagem 10 - A periferia também tem seu lado bom: aqui também reside tenacidade



Fonte: Fotografia de Darling. Acervo da pesquisa (2024).

Os(a) participantes socializaram no grupo recursos e limites da comunidade, a partir de seu lugar de fala e de forma crítica, reconhecendo seu papel nesta atividade ao se posicionarem enquanto fotógrafos(as) investigadores(as) e elaborarem um evento de exposição de fotografias com o objetivo de contar aos(às) convidados(as) os sentidos de viver nesse território. Apropriar-se desse discurso e fortalecer-se enquanto comunidade potencializa o reconhecimento de sua contribuição para a transformação da realidade. Agir é necessário para mudar, e agir coletivamente potencializa a confiança nos laços e na transformação, afirmando-se conscientes de sua potência política, social e subjetiva (Alencar, 2021; D’Andrea, 2020; Poli, Magkou & Pélissier, 2023).

No último encontro com os(as) participantes da pesquisa, após a exposição, ficou explícito que a esperança é considerada algo essencial na vida dessas pessoas, e todo o processo da pesquisa foi visto como o seu resgate, pois é histórica na construção do bairro, e também foi revivida em cada um durante a atividade. A fotografia de Cláudio retrata muito bem esta síntese do viver no Estrela da Vitória.

Imagem 11 - Meu Brasil Brasileiro: Estrela sendo Estrela, aproveitando o dia pras crianças brincarem e as roupas secarem



Fonte: Fotografia de Cláudio. Acervo da pesquisa (2024).

O photovoice

A metodologia *Photovoice* foi fundamental como estratégia para mobilizar o grupo participante, provocando a reflexão sobre o viver na periferia, suas trajetórias e

desafios. Além disso, essa mobilização expandiu-se para o restante da comunidade mediante uma exposição fotográfica, da qual os moradores se apropriaram do conhecimento produzido. Assim, foi possível exercitar o olhar, a percepção, as relações e o discurso, tomando como base o saber coletivo. Além disso, a exposição de fotografias, realizada na cozinha comunitária do bairro para aproximadamente 30 visitantes, os colocou como produtores(as) de um evento com relevância social, organizado para apresentar à comunidade Estrela da Vitória seu lugar político e sua história.

Imagem 12 - Exposição de fotografias na Cozinha Comunitária.



Imagem 13 – Visitantes dialogam sobre a exposição.



Fonte: Acervo da pesquisa (2024).

A educação popular, como base teórica da metodologia *Photovoice*, possibilita uma prática de mobilização, organização e capacitação das classes populares que produz um modo de conhecimento diretamente ligado à prática política. Ela se mostra essencial para promover a transformação social, pois permite que os grupos oprimidos reivindiquem o exercício da própria soberania. Esse processo ocorre por intermédio da

valorização de saberes locais e lugares de fala, promovendo o diálogo intercultural e vislumbrando a construção de uma sociedade mais democrática, contextualizada com suas próprias demandas e potências. (Freire & Nogueira, 2002).

Mesmo com a diversidade de sentimentos evocados ao falar da própria realidade que, muitas vezes, é dura, os(as) participantes se posicionaram enquanto pesquisadores(as), o que contribuiu para uma nova postura deles(as) na própria comunidade. Ao avaliar a atividade que construímos, Darling comenta: *“acho que essas paradas dá muita esperança”*, e complementa *“isso aqui é importante, mano, tanto pra quem traz, pra quem tá e pra quem vai vim”*. Eles falam da importância de construir espaços de interação comunitária e que desejam provocar nas pessoas o desejo que eles tiveram de participar, pois *“quanto mais pessoas, mais conhecimento, mais interesse, mais mudança”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Na humildade do cidadão a gente acredita,
Naqueles que não abaixam a cabeça para os problemas da vida, Que com fé e coragem acreditam
que tudo pode dar certo,
E são pessoas que estão enxergando que não está tudo acabado. Pessoas que incentivam outras
pessoas a darem a volta por cima, E superar as barreiras, buscar esse mesmo lado positivo;
Pode acreditar, esse lado em todo ser humano há, pode acreditar; Pessoas que não são
preconceituosas,
Não têm vergonha do que são e nem do bairro aonde moram, Que encaram a vida como realmente
é,
Quer dar a mão e está consciente dos atos,
Pra se orgulhar de cada passo dado, simbolizando união, Periferia tem seu lado bom.”*

Música: Periferia tem seu lado bom
Grupo: Consciência Humana

Com o objetivo de analisar os sentidos da periferia para moradores(as) do bairro Estrela da Vitória, a metodologia *photovoice* facilitou e promoveu a inserção dos(as) participantes na pesquisa como sujeitos(as) ativos(as) de todo o processo. Ao se posicionarem enquanto fotógrafos(as), os(as) participantes tiveram que olhar para sua trajetória, a trajetória do bairro e suas “marcas de guerra”, reconhecendo-se como protagonistas na construção deste conhecimento.

Embora contasse com um número reduzido de participantes, a metodologia do *Photovoice* possibilitou ampliar essa perspectiva para o restante da comunidade durante a etapa de exposição fotográfica. Nesse momento, as pessoas que compareceram puderam contribuir com suas impressões e reflexões sobre as imagens, o que demonstra o potencial da produção de conhecimento fundamentada na pesquisa participante. Isto revela não se tratar apenas de coletar informações sobre um tema de pesquisa, mas de construir conhecimento a partir de quem é especialista da sua própria vida.

Tal limitação não impediu que fossem identificados os sentidos de viver e morar no bairro Estrela da Vitória. É evidente a centralidade das narrativas dos(as) participantes sobre o protagonismo de seus(uas) moradores(as) na luta pelo acesso à moradia e demais direitos em que pese a ausência do Estado no processo. A esperança e a vitalidade com que o grupo participante se posicionou durante a pesquisa provocam uma reflexão sobre como o protagonismo na conquista de direitos sociais básicos pode camuflar uma estratégia neoliberal.

Essa lógica transfere para os indivíduos e suas comunidades a responsabilidade por condições dignas e justas de vida, promovendo o individualismo e a meritocracia, frente às questões estruturais que desencadeiam as desigualdades sociais vivenciadas cotidianamente nas periferias. Tais processos deverão ser aprofundados em novas pesquisas sobre o tema das periferias. Da mesma forma, consideramos relevante que as investigações científicas no campo das periferias utilizem de estratégias metodológicas participativas, assim como as instituições públicas em seus processos de identificação de demandas, além de que tais processos sejam alvo de investigações científicas.

A utilização desta metodologia possibilitou que os(as) participantes expressasse suas percepções de forma espontânea e fiel à realidade. Ao narrarem suas lutas individuais e coletivas, esses atores sociais resistem às estratégias individualistas do sistema, assumindo coletivamente o enfrentamento das vulnerabilidades e da ausência do Estado. Ao narrarem suas lutas individuais e coletivas, esses atores sociais resistem às estratégias individualistas do sistema, assumindo coletivamente o enfrentamento das vulnerabilidades e da ausência do Estado. Dessa forma, por meio do protagonismo

popular, as narrativas comunitárias enfraquecem discursos estigmatizantes e excludentes.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. O amor de todo mundo, palavras-sementes para mudar o mundo: gramáticas de resistência e práticas terapêuticas de uso social da linguagem por coletivos culturais da periferia em tempos de crise sanitária. **D.E.L.T.A.**, v. 37 n. 4, p. 1-26, out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202156109>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/cLhvKFyQGVdDsN4WxkgpHDm/?lang=pt> . Acesso em: 16 ago. 2024.

BARAKAT, Roberta Duarte Maia; CAPRARA, Andrea. Abordagem ecobiossocial e promoção da saúde na escola: tecendo saberes para a vigilância comunitária no controle do *Aedes aegypti*. **Interface**, Botucatu, v. 25, p. 1-19, out. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.190805> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DKLvmNWX7Ld4FV85MQbNDcr/?lang=pt> . Acesso em: 16 ago. 2024.

BOMFIM, Luciene; BIONDO, Fabiana; MAIA, Iasmin. Photovoice, pedagogia psicodramática e multiletramentos para a formação crítica de adolescentes no contexto pandêmico. **Texto Livre**, Belo Horizonte, v. 17, p. 1-11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2024.47929>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tl/a/vQLd5C5fR6BsjVL43YGwGLq/?lang=pt> . Acesso em: 18 ago. 2024.

BRUM, Mario; BENMERGUI, Leandro; GONÇALVES, Rafael Soares. Favelas e periferias urbanas: Aspectos do cotidiano popular. **Periferia**, Rio de Janeiro, 12(2), p. 09-15, mai./ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/periferia.2020.55128> Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/55128/35339>. Acesso em: 17 ago. 2024.

BURNETT, Frederico Lago; SOUZA, Clara Raissa Pereira de; MONIZ FILHO, Manoel Fernando. Territorialidades e exercícios de autonomia: grupos sociais e moradia popular autoproduzida no Maranhão, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 17 n 3, p. 1-23, fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/2178-2547-BGOELDI-2021-0057> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/CbKmk4wWtv8QwvhSDFnDWJJ/?lang=pt> . Acesso em: 15 ago. 2024.

CONSCIÊNCIA HUMANA. Periferia tem o seu lado bom. In: Entre a adolescência e o crime. São Paulo: Som Livre, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wVhlvY9p-tY>. Acesso em: 15 mai. 2025.

CUNHA, Mariana Tornelli de Almeida; VIEIRA, Érico Douglas. A cidade, palco de tensões e ocupações criativas no espaço: experiências de jovens moradores de periferias. **Rev. Bras. Psicodrama**, v. 31, p.1-11, 2023. DOI: 10.1590/psicodrama.v31.616. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/372803992>. Acesso em: 31 mar. 2025.

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos estudos**, São Paulo, v. 39 n.1, p.19-36, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25091/S01013300202000010005> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?lang=pt> . Acesso em: 16 ago. 2024.

DIÓGENES, Glória. Cidade, arte e criação social: novos diagramas de culturas juvenis da periferia. **Estudos Avançados**, v. 34 n. 99, p. 373-389, jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.022> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/FhF4HRhNzQsRcpfzSZpGKfd/?lang=pt> . Acesso em: 16 ago. 2024.

FERRO, Maria Cristina Veríssimo. **Questão habitacional e a formação do bairro Estrela da Vitória na luta por moradia em Uberaba-MG**. 52p. Trabalho de Conclusão de Curso, Serviço Social, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2021.

FONTES, Leonardo de Oliveira. Histórias de quem quer fugir e de quem quer ficar: laços comunitários nas cambiantes periferias de São Paulo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 37 n. 109, p. 1-19, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/3710902/2022> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/Vr7NMxNq8wb7xm4d8N6pYVg/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2024.

FRANCO FILHO, Georgenor de Sousa. Direitos sociais na Constituição de 1988: breve estudo sobre os direitos do art. 6º da Consituição da República. Enciclopédia jurídica da PUC-SP. Celso Fernandes Campilongo, Alvaro de Azevedo Gonzaga e André Luiz Freire (coords.). Tomo: **Direito do Trabalho e Processo do Trabalho**. Pedro Paulo Teixeira Manus e Suely Gitelman (coord. de tomo). 1 ed. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://enciclopediajuridica.pucsp.br/pdfs/abuso-do-direito_58e92c9b1f734.pdf . Acesso em: 26 mar. 2025.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e prática em educação popular**. Editora Vozes, 7 ed. 2002.

FREITAS, Nilson Almino de; MARQUES, Francisco Renan Dias. A educação não escolar na periferia pode ensinar algo para a escola? **Revista Brasileira de Educação**. v. 28, p. 1-23, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782023280059> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/pwvqvJpcJxWbpMRsRTV38sk/?lang=pt> . Acesso em: 16 ago. 2024.

KOPPER, Moisés; RICHMOND, Matthew. Apresentação: Situando o sujeito das periferias urbanas. **Novos estudos**. São Paulo, 39(1), p.9-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25091/S01013300202000010011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/B5ZST9NYwDt8x8Cb6tQ4Xhv/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2024.

KUREKE, Bruna Marcelli Claudino Buher; BERNARDINIS, Márcia de Andrade Pereira; PAVELSK, Luziane Machado. O panorama do planejamento urbano brasileiro: aspectos institucionais e políticos. **Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, Goiânia, 4(2), p. 270–282, 2019. DOI 10.18224/baru. v4i2.6354. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/6354/3901>. Acesso em: 24 mar. 2025.

PEREIRA, Amanda dos Santos; MAGALHÃES, Lilian. A vida no quilombo: Trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. **Interface**, Botucatu, v. 27, p. 1-17, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.210788>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/wCbZGfGjfykqJc39QKbkChS/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2024.

POLI, Karina; MAGKOU, Matina; PÉLISSIER, Maud. Participação social e espaços culturais intermediário nas políticas culturais contemporâneas: Um breve olhar para França e Brasil. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 15, n. 2, p. 82-100, jul./dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.9771/pcr.v15i2.49520> Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/49520/29198>. Acesso em: 17 ago. 2024.

ROCHA, Tatiana Gomes da. Discutindo o conceito de comunidade na psicologia para além da perspectiva identitária. **Global Journal of Community Psychology Practice**. 3(4), p. 1-6, 2012. Disponível em: <https://www.gjcpc.org/pdfs/2012-Lisboa-063.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2024.

SOUZA, Daniel Meirinho. O olhar por diferentes lentes: o *photovoice* enquanto método científico participativo. **Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 13 n. 23, p.261-290, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2017v13n23p261> Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/26989> Acesso em: 24 jun.2026.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: Conhecendo a análise temática. **Arq. bras. psicol**, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672019000200005&script=sci_abstract. Acesso em: 18 ago. 2024.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, Rio de Janeiro. 72p., 2010. ISBN: 978-85-7982-046-5. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/w9q43/pdf/spink-9788579820465.pdf>. Acesso

em 15 mai. 2025.

SPINK, Mary Jane Paris; MARTINS, Mário Henrique da Mata; SILVA, Sandra Luzia Assis; SILVA, Simone Borges da. O Direito à moradia: reflexões sobre habitabilidade e dignidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 1-14. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003207501>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/fCt3qfskYJP57ZwvjSCMMYw/?lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2024.

TITTONI, Jaqueline; TIETBOEHL, Lúcia Karam. Política na rua: Subjetivação, resistência e ocupação dos espaços públicos. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, p.1-14, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2020v32166538>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/KHgpzP4YkVYnnjJSvS6H7TJ/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2024

TOUSO, Máira Ferro de Sousa. **Manual de fotografia**. 2007. Não publicado.

TOUSO, Máira Ferro de Sousa; MAINEGRA, Amado Batista; MARTINS, Carlos Henrique Gomes; FIGUEIREDO, Glória Lúcia Alves. Photovoice como modo de escuta: Subsídios para a promoção da equidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, 22(12), p.3883-3892, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320172212.25022017>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/m7mqHgwCj6ZYtnSXWmYhwJw/?lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2024.

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. Empowerment through photo novella: Portraits of Participation. **Health Education Quarterly**, v. 21 n.2, p. 171-186, 1994. DOI: <https://doi.org/10.1177/109019819402100204>

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann; XIANG, Yue Ping. Chinese village women as visual anthropologists: A participatory approach to reaching policymakers. **Social Science and Medicine**, v. 42, p. 1391-1400, 1996. DOI: [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(95\)00287-1](https://doi.org/10.1016/0277-9536(95)00287-1).

WANG, Caroline; BURRIS, Mary Ann. Photovoice: concept, methodology, and use for participatory needs assessment. **Health Education & Behavior**, v. 24 n. 3, p. 369-387, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1177/109019819702400309>

WANG, Caroline. Photovoice: A participatory action research strategy applied to women's health. **Journal of Women's Health**, v. 8, n. 2, p. 185-192, 1999. DOI: <https://doi.org/10.1089/jwh.1999.8.185>

Histórico Editorial

Submetido: 15 de Maio de 2025.

Aprovado: 19 de Junho de 2026.

Publicado: 15 de Julho de 2026.

SOBRE AS AUTORAS

¹ **Laura Helena Silva.** Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

Contribuição de autoria: Conceitualização, Metodologia, Investigação, Curadoria de Dados, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8309918991058891>

E-mail: laurasilvahelena@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4635-1446>

² **Cristiane Paulin Simon.** Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Professora Titular da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Professora Titular e Coordenadora do Grupo de Pesquisa Laboratório de Ensino, Extensão e Pesquisa sobre Encarceramento e Populações Periféricas (LabPop).

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Conceituação, Escrita – Revisão e Edição, Supervisão.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9699480296699620>

E-mail: cristiane.simon@uftm.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7318-8305>